

# A (IN)DISCIPLINA NA ESCOLA: SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

TREVISOL, Maria Teresa Ceron<sup>1</sup> - UNOESC –  
[mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br](mailto:mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br)

LOPES, Anemari Luersen Vieira<sup>2</sup> – UNOESC  
[anemari.lopes@unoesc.edu.br](mailto:anemari.lopes@unoesc.edu.br)

Área Temática: Violências e convivências nas escolas: fatores, manifestações e relações  
sociais no espaço.

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

## Resumo

A indisciplina representa um dos principais fenômenos que geram dificuldades no contexto escolar. Esse fato vem se agravando de tal forma que nem a escola e nem a família conseguem solucionar o problema. Tal fenômeno é caracterizado de diversas formas, porém, as idéias acerca desse tema estão longe de serem consensuais. Buscamos com esse artigo discutir os sentidos atribuídos ao fenômeno "indisciplina escolar" por gestores, orientadores educacionais, professores que atuam em diferentes instituições de ensino de dois municípios do oeste de Santa Catarina. Partimos do pressuposto de que, se desejamos intervir na realidade educacional, devemos conhecer, de antemão, a forma como os sujeitos nela envolvidos compreendem os dilemas que vivenciam e as alternativas de modificação dessa situação que seus discursos possibilitam. Os sentidos atribuídos ao fenômeno "indisciplina" por esses profissionais é constituído por uma pluralidade de terminologias. Não encontramos consenso na posição desses profissionais. Entretanto, muitas das alegações correspondentes às manifestações de indisciplina se referem ao aluno, considerando-o como um dos principais responsáveis por essas manifestações.

**Palavras-chave:** Indisciplina escolar; Sentidos atribuídos por profissionais da educação; Contexto escolar.

## Introdução

A indisciplina representa um dos principais fenômenos que geram dificuldades no contexto escolar. Este fato vem se agravando de tal forma que nem a escola e nem a família conseguem solucionar o problema. O fenômeno a que estamos nos referindo não representa uma problemática recente, pelo contrário, é caracterizado de diversas formas, de acordo com a

---

<sup>1</sup> Docente do Programa de Mestrado em Educação. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Mestrado em Educação. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP.

análise de cada autor, porém, as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais. Isso se deve, particularmente, à complexidade do assunto, à marcante ausência de resultados de pesquisas, e também à multiplicidade de interpretações que o tema encerra.

Com o objetivo de identificarmos os sentidos atribuídos por profissionais da educação às manifestações de indisciplina na escola, buscaremos a partir de uma breve revisão bibliográfica, efetuar uma contextualização da problemática que envolve o problema da indisciplina escolar, alguns significados que são atribuídos a esse problema, especialmente, no meio educacional. Segundo Ferreira (1986, p.595) o termo indisciplina pode ser definido como “*procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião*”. Assim, indisciplinado é o indivíduo que “*se insurge contra a disciplina*”. As definições em foco efetuam uma relação entre disciplina e obediência das normas, das regras sociais. A indisciplina manifesta por um indivíduo ou um grupo, é compreendida, normalmente, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora”. Nessa visão, as regras são essenciais ao ajustamento, controle de cada aluno e da classe como um todo.

A vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social. A escola, por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de assumir a característica de instrumentos de castração e, passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. Neste modelo, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites (REGO, 1996).

Em consonância com este argumento, La Taille (2002, p.9) analisa que

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os ‘limites’ implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

Um dos fatores que são elencados (LA TAILLE, 1996; AQUINO, 1996; REGO, 1996; ARAÚJO, 1996) como possíveis causadores de manifestações de indisciplina no

contexto escolar é a *perda de autoridade do professor*, tanto no que se refere ao conhecimento, quanto à postura em sala de aula. Ao longo dos últimos anos, verificamos que muitos professores foram destituídos de seu lugar de "autoridades de saber". Estão desqualificados, desatualizados, desmotivados, utilizam *procedimentos metodológicos* que pouco desafiam os alunos a pensar, a construir conhecimentos. Em conseqüência, aulas pouco atrativas, que não estimulam a participação dos alunos. Sabe-se que o processo do aprender demanda a colocação do *aluno no papel de ativo*, mesmo quando ouve, vê, dirige atenção a alguém que fala ou nas atividades que está fazendo. A prática pedagógica do professor deve promover desequilíbrios cognitivos no aluno, fazendo com que as iniciativas que são tomadas por esse buscando a retomada do equilíbrio se revertam em estímulo para aprender, para participar do processo. Assim, teremos um aluno envolvido nas atividades propostas e que não se coloca fora delas, dando margem às manifestações de indisciplina.

Os fatores que foram citados estão diretamente ligados ao contexto escolar, entretanto, sabemos que não estão somente nesta esfera os elementos que promovem a indisciplina. Há toda uma rede social que circunda a escola: a família, as relações com outros grupos sociais, o acesso a conteúdos, imagens que são produzidos pelos meios de comunicação social, e que atuam diretamente na construção de modelos, de comportamentos a serem imitados ou reproduzidos.

Além destes aspectos, é importante, novamente, enfatizar que o modo como interpretamos a indisciplina (ou a disciplina) acarreta uma série de implicações à prática pedagógica, pois interfere não somente nos tipos de interações estabelecidas com os alunos e na definição de critérios para avaliar seu desempenho na escola, como também no estabelecimento dos objetivos que se pretende alcançar.

Outro aspecto capaz de influenciar significativamente o processo educativo desenvolvido na instituição escolar, diz respeito à visão dos diferentes componentes da comunidade escolar (professores, técnicos, gestores, pais e alunos, entre outros) sobre as causas da indisciplina. Entendemos que é necessário identificar, principalmente, os pressupostos subjacentes às explicações geralmente manifestas por estes componentes, pois estas podem revelar, ainda que de maneira implícita, determinadas visões sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo e, como decorrência, a linha norteadora das ações assumidas pela escola (REGO, 1996).

Nesse sentido, considerando que as questões relacionadas à indisciplina constituem foco de problema na realidade educacional regional, que possuímos uma carência desses dados, uma "leitura organizada" que permita compreender a rede de elementos que estão envolvidos nesse contexto buscamos através desse artigo analisar os sentidos atribuídos à indisciplina escolar por parte de profissionais da educação, particularmente gestores, orientadores educacionais e professores. Partimos do pressuposto de que, se desejamos intervir na realidade educacional, devemos conhecer, de antemão, a forma como os sujeitos que estão envolvidos nessa realidade compreendem os dilemas que vivenciam no cotidiano escolar.

### **O Fenômeno (in)disciplina escolar**

A partir de um levantamento efetuado em diferentes fontes (livros, periódicos, teses e dissertações) buscando conhecer o "estado da arte" desse problema, identificamos que o contexto da indisciplina está ligado, comumente a:

- a) indisciplina do aluno;
- b) indisciplina do professor;
- c) indisciplina da escola;
- d) indisciplina da família;
- e) indisciplina ligada ao descumprimento das regras.

Passaremos, a seguir, a discutir alguns desses sentidos:

#### ***Indisciplina do aluno***

Os atos caracterizados como indisciplinados na escola estariam relacionados à atitude do aluno, como por exemplo: “falar ao mesmo tempo em que o professor atrapalhando as aulas”; “responder com grosserias”; “brigar com outros alunos ou mesmo entre professor e aluno”; “bagunçar”; “ser desobediente”; “não fazer as tarefas escolares”<sup>3</sup>.

A sociedade e a família estão em constante processo de transformação, o aluno de hoje é diferente, mas a escola continua com seus métodos de ensino como a décadas atrás. Assim, o comportamento indisciplinado do aluno sinalizaria que algo na escola e na sala de aula não está ocorrendo de acordo com as expectativas principalmente dos alunos, e mais, estes

---

<sup>3</sup> Essas expressões são representativas da compreensão dos profissionais entrevistados.

estariam reivindicando mudanças necessárias para que se realize o objetivo da escola: uma educação de qualidade, que desperte o interesse do aluno pelo aprendizado e pelo ambiente escolar. Segundo Aquino (1998) "estamos em outro tempo e precisamos estabelecer outras relações". O aluno precisa ser considerado no meio ou momento histórico em que está inserido.

O aluno que não está integrado ao processo ensino-aprendizagem passa a apresentar comportamentos que causam preocupação à escola, são manifestações que surgem na forma de agitação ou, contrário a ela, comportamentos de apatia e descomprometimento. Manifestações pacíficas, quase estáticas, do silêncio e alienação às regras impostas (VASCONCELLOS, 2000). Se a disciplina constitui normas impostas para que haja uma melhoria no ambiente escolar, a anulação ou esquiva do indivíduo da convivência e da manifestação de seu modo de pensar e se expressar nesse ambiente é também uma forma de reagir às normas ou regras, portanto é uma forma de indisciplina.

Volker (apud PERIN e CORDEIRO, 2002) define a indisciplina ou a não-disciplina, presente nas escolas hoje, como um posicionamento contrário ao processo educativo, onde o aluno não tem nenhuma vontade de estar na escola, não tem respeito pela escola e nem postura para freqüentá-la.

### ***Indisciplina do professor***

O professor que adentra ao espaço da sala de aula desmotivado, muitas vezes, nem planeja as atividades que serão desenvolvidas, abre o livro texto e pede para os alunos estudarem cada um em sua carteira, contagia sua turma e acaba desmotivando-os. É importante não deixar de considerar o elemento "expectativas" em relação a seu trabalho e a seu aluno, que norteiam todo o entusiasmo ou abnegação da atividade pedagógica. O rendimento dessa sala se vê comprometido por essas atitudes do professor.

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p.8).

Nesse tipo de atitude descomprometida do professor em relação a seus alunos evidenciamos outro sentido à indisciplina, identificada como uma “*atitude indisciplinada na postura do professor*”.

### ***Indisciplina da escola***

Sem desconsiderar a existência de fatores externos que influenciam nas relações e comportamentos no ambiente escolar, evidencia-se que é no próprio espaço da escola onde se constituem muitas manifestações de indisciplina, particularmente ligadas ao sistema de organização escolar. Partimos das regras escolares que, muitas vezes, são impostas aos alunos, mas não estão claras. Manifestações de indisciplina podem ser decorrentes do descontentamento por essas regras e pela não compreensão das mesmas. A escola é a responsável pelo estabelecimento e pela clareza das normas. O não entendimento das mesmas pelos alunos pode se reverter em tomadas de decisão indevidas dos alunos com relação à escola e, por conseguinte, da escola com relação aos alunos.

À medida que cobra do aluno o respeito, o cumprimento das normas, o bom desempenho, a escola precisa oferecer subsídios para tais práticas. Como um aluno irá desenvolver conceitos de justiça e praticá-los se é frequentemente injustiçado e punido, se não é ouvido ou mesmo questionado sobre o que se passa com ele? É importante que a escola adote a discussão de temas-problema com os diferentes grupos que a compõem. A ausência de um plano comum de ação na escola é um sintoma da inexistência de discussão sobre esse assunto.

### ***Indisciplina da família***

A relação familiar, composta por pais e filhos é repleta de afetividade o que dificulta a visualização dos problemas e dificuldades de forma ampla, ou seja, para um pai é difícil entender que seu filho possa ter atitudes de desrespeito diante do professor, por exemplo. Assim, manifestações como a agressividade, a birra, podem surgir dentro do ambiente familiar e são fatores que podem intensificar o aparecimento da indisciplina do aluno na escola.

Nesse sentido, quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, pode

ser considerado como indisciplinados. Às vezes, ficam meio confusos frente às atitudes dos filhos, e não sabem como agir, saber o que é correto ou não em determinados momentos, não querendo assumir uma posição autoritária acabam por permitir tudo. Dessa forma, acabam tendo atitudes que não somente geram indisciplina, mas que são indisciplinadas por não fornecer subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar, social, entre outros.

Se observarmos crianças em que os pais não impõem nenhum tipo de limite identificaremos crianças que são, geralmente, rejeitadas pelos colegas, pois não conseguem respeitar ninguém. Para que a criança saiba aceitar e respeitar os limites apresentados pelos professores, colegas ou amigos com que convive é preciso que ela tenha aprendido este tipo de comportamento, desde os primeiros dias de sua vida, em sua família. A permissividade exagerada enquanto a criança é pequena, dificulta mais tarde, a retirada dessas concessões (LA TAILLE, 2002). A coerência na educação de uma criança precisa ser pensada, planejada por toda família, inclusive junto com a escola, quando for o caso.

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Entretanto, evidencia-se, comumente, uma confusão na aplicação desses papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral (AQUINO, 1998).

### ***Indisciplina ligada ao descumprimento das regras***

Passaremos a discutir, mesmo que sinteticamente, o processo de construção das regras na criança, a partir da perspectiva piagetiana. Esta discussão nos possibilitará complementar alguns aspectos citados anteriormente, bem como, entender, de forma mais oportuna, o processo de socialização que o sujeito se vê envolvido desde o nascimento, a incorporação das regras sociais e o papel dos outros sociais (principalmente adultos: pais, professores...) neste processo. E a partir daí, também compreender as manifestações de indisciplina como ausência desse processo de construção de regras norteadoras do comportamento e da ação do indivíduo.

## O conhecimento social e moral: a articulação proposta por Piaget

É através do processo de socialização que a criança começa a integrar-se ao mundo social, incorporá-lo em sua mente. Um dos objetivos mais importantes do processo de socialização consiste em que as crianças diferenciem o que é considerado correto e o que se julga incorreto em seu meio, ou seja, que elas construam conhecimentos sobre os valores morais que regem a sociedade e se comportem de acordo com eles. Isto é conseguido através de um processo de construção e interiorização destes valores, processo que tende a favorecer o desenvolvimento dos mecanismos de controle reguladores da conduta da criança. Entretanto, nesse processo de socialização, de construção de normas e regras sociais, o sujeito não assume um papel passivo. Piaget (1977) enfatiza que "a ação social só será eficaz se o sistema puder assimilá-la e reconstruí-la internamente."

Segundo Piaget (1977, p.342), "a sociedade é o conjunto das relações sociais". A criança aprende a respeitar as regras ou normas morais vivendo em sociedade. Considerando a hipótese de que existem tantos tipos de moral como de relações sociais, Piaget a distingue em duas formas: **a moral heterônoma**, baseada da obediência; e a **moral autônoma** baseada na igualdade, admitindo que as relações com os companheiros, constituem condição necessária para a autonomia. A relação com o adulto é fonte de respeito unilateral e heteronomia. Nesse tipo de relação a criança ocupa sempre o mesmo papel, o de quem deve obedecer, papel que dificilmente pode trocar com o adulto.

O indivíduo, por si só, não é capaz da tomada de consciência e de constituir normas propriamente ditas. É nesse sentido que a razão - lógica e moral - é um produto coletivo. Do contrário, o indivíduo permanece egocêntrico. É somente pelo contato com os julgamentos e as avaliações dos outros que a anomia intelectual e afetiva perderá terreno, progressivamente, sob a pressão das regras lógicas e morais coletivas (Idem, p. 347). Por outro lado, enfatiza que "a coação externa não destrói o egocentrismo, ela o encobre e o disfarça, quando não o reforça, até diretamente" (Idem, p.60).

Para Piaget (1977, p.321), "a autonomia é um poder que só se conquista de dentro e que só se exerce no seio da cooperação". O desenvolvimento da consciência moral não se constrói de fora para dentro do indivíduo, mas se constitui um longo processo que se inicia no período sensório-motor e se estende até a conquista da autonomia. Contudo, esse processo não é somente individual, ele é influenciado pela interação que o indivíduo estabelece com o meio



social em que vive. Essa interação proporciona ao sujeito alimento cognitivo e estimulação intelectual necessários para a evolução moral.

## **Método**

Como havíamos nos referido anteriormente, esse artigo possui como base empírica um estudo exploratório de natureza qualitativa. A amostra correspondente a este estudo foi composta por dezesseis (16) profissionais da educação que atuam em diferentes instituições escolares localizadas na região Oeste de Santa Catarina (quatro gestores escolares, quatro orientadores educacionais e oito professores que atuam no ensino fundamental). Esses sujeitos concordaram em participar dessa investigação, assinando um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa da UNOESC.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir de entrevistas que tinham como objetivo identificar: a) as significações que são atribuídas à disciplina e à indisciplina pelos profissionais que compõem o contexto escolar; b) as causas geradoras das manifestações de indisciplina; c) os encaminhamentos que vêm sendo tomados pelos Diretores, Especialistas e Professores frente às manifestações de indisciplina. Entretanto, neste artigo estaremos apresentando somente a análise relacionada ao primeiro objetivo.

Quanto ao tratamento das informações, primeiramente foi realizada a transcrição na íntegra das gravações das entrevistas. A partir das respostas obtidas efetuamos o procedimento de análise de dados denominado análise de conteúdo.

### **Sentidos e significados atribuídos à "(in)disciplina escolar": a ótica de profissionais que atuam na escola**

Apresentaremos, a seguir, os principais dados representativos dos sentidos atribuídos por diferentes profissionais que atuam na escola sobre o “fenômeno (in)disciplina escolar”. A primeira questão que compôs o roteiro de entrevistas foi a seguinte: O que você entende por indisciplina escolar?

Através dos argumentos utilizados pelos profissionais entrevistados identificamos diferentes sentidos, entre eles, o que prevaleceu foi o *conceito de indisciplina relacionado ao comportamento do aluno*. Exemplificando esse argumento destacamos a resposta do Professor

(P1)<sup>4</sup> “*Essa palavra indisciplina caracteriza exatamente um aluno que esteja incomodando*”. Segundo Freller (2001) a indisciplina é definida como uma forma que as crianças têm de comunicar que algo não vai bem. Para esta autora, por trás do comportamento do aluno, existem problemas de alguma natureza, sejam psicológicos, familiares ou que se referem ao cotidiano da sala de aula. Tanto a família quanto a escola precisam estar atentos aos sentimentos, medos, dúvidas e necessidades que a criança comunica constantemente, através do seu comportamento.

Das diferentes respostas dos profissionais entrevistados destacamos a resposta do Professor (P5): “*A indisciplina passa a ser hoje para nós professores, avaliada como o aluno que apronta em sala de aula.*” Segundo Chagas (2001) a indisciplina no meio educacional é vista como a manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzido na falta de educação ou desrespeito pelas regras pré-estabelecidas, na bagunça, agitação ou desinteresse.

Outro sentido elencado pelos profissionais se *refere à indisciplina como sendo um fator externo: reflexo da sociedade e da família do aluno*. Segundo o Professor (P 8) “*sempre coloco que a indisciplina do aluno não é a indisciplina da escola é o reflexo da sociedade ou da família*”. É possível identificar, portanto, uma postura que negligencia a participação da escola como co-responsável pelos comportamentos indisciplinados, atribuindo somente a fatores externos a ela as manifestações de indisciplina. Segundo Patto (2000) a escola possui mecanismos responsáveis pela produção do fracasso escolar e de outros fenômenos, dentre eles a indisciplina. Para a autora, os métodos pedagógicos, a organização escolar, práticas de exclusão presentes na escola, ainda hoje, produz dificuldades de aprendizagem e de comportamento dos alunos. À medida que faz isso, a escola deixa de ajudar o aluno, passa a tratá-lo como vítima do meio social ou familiar em que vive.

Mesmo que em menor número, segundo análise dos sentidos atribuídos pelos profissionais pesquisados, identificamos a definição de *indisciplina com a própria escola*, ou seja, fatores intra-escolares estariam sendo relacionados aos comportamentos indisciplinados dos alunos. Exemplificando esse sentido destacamos a resposta do Gestor (01): “*A escola talvez esteja meio atrasada nessa questão, não está conseguindo e está causando esta*

---

<sup>4</sup> A organização da legenda que será utilizada para nos referirmos aos diferentes profissionais da educação que compuseram a amostra obedecerá a seguinte designação: para Professor (P), para Gestor escolar (G) e para Orientador educacional (OE). O número a seguir a esta designação representa o ordem dos entrevistados.

*indisciplina, a escola talvez não esteja entendendo e o aluno está se rebelando de uma forma, ou manifestando que não estamos a contento*". Para Aquino (1998), o comportamento indisciplinado do aluno sinalizaria que algo na escola e/ou na sala de aula não vai bem. A preocupação dos professores e membros da escola parece se dirigir para a questão: Qual a melhor forma de educar hoje? O que oferecer aos alunos? De que forma fazer? Sabemos que o quadro negro e o giz não podem mais ser considerados como os únicos recursos para se dar uma aula. Há a necessidade de diversificar os recursos e as estratégias pedagógicas, inclusive visando "ativar" todas as áreas cerebrais do aluno. Nesse sentido, o professor necessita continuar investindo em sua formação, do contrário não estará mais correspondendo às exigências da escola e dos alunos hoje. É oportuno salientar, no depoimento anteriormente citado, de que a indisciplina não pode ser compreendida como somente uma manifestação do aluno e de que não está nele à principal fonte constituinte do problema, a forma como a escola está organizada estaria contribuindo para a ocorrência de comportamentos indisciplinados.

Os sentidos atribuídos pelos profissionais que compuseram a amostra consideram a indisciplina como um entrave ao bom desempenho do aluno: "*A indisciplina atrapalha tudo de bom que uma escola poderia ter*" (G3). Em menor número de respostas, evidenciamos a atribuição da *indisciplina como comportamentos típicos da adolescência*. Ilustramos esse argumento com a seguinte resposta:

O adolescente tem seus rompantes de alegria, como têm seus rompantes de tristeza, e nós temos que entender que são momentos, nós não temos nenhum aluno indisciplinado por natureza, temos alguns alunos que em determinados instantes tem manifestações que não consideramos apropriadas, então, essa palavra indisciplina seria nesse sentido, são rompantes. (P8).

## **Considerações finais**

A indisciplina representa no cotidiano escolar um dos principais fenômenos geradores de inúmeras dificuldades, sejam elas, relacionadas às relações professor e aluno, entre alunos, entre direção e alunos. Esse fato vem se agravando de tal forma que nem a escola e nem a família conseguem driblar o problema. Identificamos na análise realizada a atribuição de diferentes sentidos pelos profissionais da escola (direção, orientadores educacionais e professores) entrevistados. Porém, as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais.

Para os profissionais entrevistados o conceito de indisciplina se refere principalmente a comportamentos do aluno como: *perturbar a aula, estar agitado e desinteressado*. O segundo aspecto abordado se refere à caracterização de indisciplina como desrespeito às normas da escola. Definem também o comportamento de indisciplina do aluno como sendo reflexo da sociedade e da família. O que chama a atenção nos dados coletados é que grande parte dos profissionais pesquisados relacionam as manifestações de indisciplina, com maior ênfase, a postura do aluno. Este continua sendo o “sujeito da indisciplina”. Assim, enquanto a escola e seus profissionais buscam a mudança de comportamento do aluno, para eliminar a indisciplina, deixam de considerar fatores constituintes do problema e que estão relacionados ao sistema de ensino e à organização escolar.

É necessário continuar investindo na melhoria da qualidade do ensino em nossas escolas, para isso é fundamental o maior interesse das políticas públicas na educação, incentivando a formação e aperfeiçoamento do quadro docente, além de contar com a participação efetiva da família e da comunidade.

O mapeamento dos dados que compuseram esse artigo pretende servir de base para a organização de atividades de orientação e intervenção na realidade das escolas pesquisadas. A coerência nos encaminhamentos do fenômeno indisciplina escolar requer, de antemão, o conhecimento e a análise da rede de elementos que constituem esse problema. Compreender os sentidos e significados que são atribuídos pelos personagens que constituem a escola, ou seja, gestores, orientadores, professores, alunos, entre outros, é indispensável. A partir do olhar que eles dirigem sobre essa questão conseguiremos tomar consciência de onde se deve iniciar o processo de intervenção.

## REFERÊNCIAS

APARECIDA, R.; REBELO, A. **Indisciplina Escolar: Causas e Sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2<sup>a</sup> Ed., 2003, 124 p.

AQUINO, J. G.(Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Summus, 1996. 148 p.

AQUINO, J. G. A Indisciplina e a Escola Atual. **Rev Fac. Educ.** Vol.24 n.2 São Paulo July/Dec.1998. 14 p. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: abr. 2004.

ARAÚJO, Ulisses F. de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

CHAGAS, K.M. **Indisciplina na Escola: de quem é a culpa?**, Monografia do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Qualidade na Educação, PR, 2001, 48p. Disponível em: <[http://virtual.facinter.br/monos/indisciplina\\_na\\_escola.pdf](http://virtual.facinter.br/monos/indisciplina_na_escola.pdf)> . Acesso em: mai. 2004.

CORTELLA, Mário S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez [Coleção prospectiva], 1998.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio**. R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FRELLER, C.C. **Trabalhando com pais sobre indisciplina escolar: um desafio para o psicólogo**, IPUSP, Psicologia da Educação, 2001, 16 p. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2001T.PDF>>. Acesso em: abr. 2004.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. Formação ética: direitos, deveres e virtudes. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artmed, ano 4, n.13. mai./ jul., 2000.

\_\_\_\_\_. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2002.

PATTO, M. H. S. **A produção do Fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2000. 454 p.

PERIN, E.S.; CORDEIRO, M.V.C.C. **Indisciplina na Escola do Século XXI**, Monografia apresentada para obtenção do título de especialista em psicopedagogia, Ponta Grossa – PR, 2002, 67 p. Disponível em: <[http://virtual.facinter.br/monos/indisciplina\\_escola\\_seculo\\_xxi.pdf](http://virtual.facinter.br/monos/indisciplina_escola_seculo_xxi.pdf)>. Acesso em: mai. 2004.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

\_\_\_\_\_. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

REGO, Teresa C. R. A. indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Liberdade, 2000.